

DF-
COMÉRCIO

Movimento em papelarias e livrarias garante o bom desempenho do setor no mês de janeiro em relação ao mesmo período de 2004

Daniella Sasaki/Especial para o CB / 20.01.05



LOJAS DE MATERIAL DE ESCRITÓRIO E PAPELARIAS DO DISTRITO FEDERAL VENDERAM 6,02% A MAIS E CONTRIBUÍRAM PARA UM BOM RESULTADO DO VAREJO

Lojistas comemoram alta de 22% nas vendas

LUÍS OSVALDO GROSSMANN

DA EQUIPE DO CORREIO

Janeiro é mês de poucas vendas no comércio, especialmente depois de um Natal surpreendente em que os lojistas não viam há pelo menos cinco anos, com um volume de negócios 26% superior ao de 2003, na mesma data. No início de 2005 não foi diferente. Venderam 16,7% menos do que em dezembro, mas ainda assim o resultado foi muito bom — 22,2% a mais que em janeiro de 2004.

O que preocupa os comerciantes é como manter o desempenho do ano passado, embora já se avalie ser difícil repetir o crescimento de 9,8% nas vendas, como aconteceu em 2004. Um dos motivos é estatístico: como 2003 foi um ano bem ruim para os negócios, a base de comparação era muito baixa. Segundo o Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2001 o comércio no DF teve queda de 1,57% no volume de vendas. Em 2002, de 0,70% e em 2003, de 3,67%.

Este ano a comparação se dará com os quase 10% de crescimento do ano passado. Mesmo assim, a Federação do Comércio do Distrito Federal, que ontem divulgou os resultados de janeiro, acredita em aumento de vendas, apesar do ritmo menor. “Não teremos um ano brilhante como 2004, mas esperamos vendas 3,5% ou 4% maiores, o que já será muito bom para a atividade comercial”, diz o diretor do Instituto Fecomércio, Carlos Augusto Baião.

A pesquisa, realizada pelo instituto, reflete o movimento tradicional das vendas no primeiro mês do ano. De 23 segmentos diferentes pesquisados, 21 tiveram queda. Alguns, de até 80%, como informática, ou 52%, como dis-

cos e fitas. O único resultado expressivo é o do segmento de livrarias, papelarias e material de escritório, que tiveram aumento de 6,02% nas vendas, no embalo da volta às aulas e das compras de material escolar.

Vôo de galinha

Diferente do otimismo do setor, o economista Raul Velloso, consultor da própria Fecomércio, aponta sinais de esfriamento da economia. Em especial, os sucessivos aumentos na taxa básica de juros, que subiu pela sexta vez consecutiva este mês. “Mesmo num cenário otimista, supondo que a Selic pare de subir, a taxa real de juros ficaria em 12%, 50% a mais do que os 9% do ano passado”, calcula. Por isso, insiste, mesmo nos bons meses de venda pode-se perceber a redução no ritmo.

Para demonstrar, ele aponta

para os indicadores de vendas do comércio no DF e a comparação com o registrado no ano anterior. Assim, em novembro do ano passado o crescimento nas vendas foi de 27% sobre novembro de 2003; em dezembro foi de 26% (sobre dezembro de 2003) e em janeiro, como visto, 22% frente janeiro de 2004. “A síndrome do vôo da galinha continua presente, com um ano bom sendo seguido por um ano ruim. E os sintomas da desaceleração do crescimento já estão aí”, afirma o economista.

Também ao contrário dos empresários, que esperam novos impulsos à oferta de crédito, Velloso vê um limite no endividamento dos brasileiros — endividamento esse que muito ajudou as vendas no ano passado. “O limite é a renda. Portanto, a expansão do crédito só se sustenta se os salários subirem”, avalia.